

TUDO DEDICADO AO MALDITO DEMÔNIO: A ANTROPOFAGIA, O CASAMENTO CONSANGUÍNEO E A NECROPOMPA COMO RETÓRICA DE IDENTIDADE E ALTERIDADE NOS RELATOS DE CIEZA DE LEÓN (1520–1554)

Palavras-Chave: ALTERIDADE, IDENTIDADE, CRÔNICA.

Autores:

HENRIQUE DENTZIEN, IFCH – UNICAMP

Prof. Dr. LUIZ ESTEVAM DE OLIVEIRA FERNANDES (orientador), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A pesquisa aqui apresentada trata sobre como o discurso empregado por Pedro Cieza de León (1520–1554) constrói noções de alteridade e identidade em sua obra, intitulada *Crónica del Perú*. Esta, dividida em quatro partes, contém extensivos relatos sobre os diversos povos indígenas que ali viviam e seus costumes, além de ter sido o primeiro documento a relatar de forma integral a história dos Incas e do Tahuantinsuyu¹, também referido como “império inca”², além de descrever aquilo que o autor entendia serem diferentes aspectos de sua organização política. Ainda detalha práticas culturais dos incas e outras populações locais e narra a atuação dos espanhóis no processo de conquista da região, o que inclui as muitas guerras civis entre os chamados conquistadores.

Ao longo da grande extensão da *crônica*, Cieza faz inúmeros juízos de valor a respeito do que relata, especialmente ao tratar da cultura povos andinos. Se, por um lado, mostra admiração pelo sistema político incaico, por outro demoniza algumas de suas práticas culturais e das populações locais, especialmente aquelas de caráter religioso, atribuindo-as a uma influência do “demônio”. Costumes rechaçados de forma enfática pelo cronista incluem, entre outros, a antropofagia, o casamento consanguíneo e a necropompa³. O discurso do cronista separa indígenas de espanhóis a partir dessas

¹ “Tahuantinsuyu” é geralmente traduzido como “quatro partes juntas”, formado pelas palavras quíchuas *tahua* (quatro) e *suyu* (partes divididas), a última tendo sido usada para designar pequenas regiões. O morfema *-ntin-* sinaliza uma união indivisível. O termo composto era usado para se referir às quatro regiões ocupadas pelos incas, mas historiadores tendem a usá-lo para nomear a civilização inca em si.

² O uso da palavra “império” entre aspas ocorre devido às implicações problemáticas de se usar termos associados a outras culturas e sistemas políticos para denominar aspectos do mundo andino. María Rotsworowski já evitou empregá-la como uma “omissão deliberada baseada nas muitas conotações do termo no Velho Mundo” (1999, tradução nossa), e decidiu-se fazer o mesmo na pesquisa aqui apresentada.

³ “Necropompa” é o nome dado por alguns especialistas à prática do “enterro de mulheres e servos vivos junto a seu senhor defunto” (León Azcárate, 2015, p. 208, tradução nossa). Cieza relata múltiplas vezes que mulheres teriam sido enterradas nas

práticas, reconhecendo-os como “o outro”. Assim, estabelece alteridades a partir da demonização dessas práticas, e junto delas, uma oposição entre crenças indígenas e europeias, justificando seu combate e a intenção de conversão e expansão da fé cristã. Em outras palavras, criava-se um discurso sobre a alteridade enfatizando uma lógica identitária ao mesmo tempo: o outro é o espelho invertido das virtudes que eu creio como universais corretas.

A pesquisa aqui apresentada partiu da hipótese de que, ao fazer isso, também definem uma oposição a estas na própria identidade espanhola. Textos de caráter denunciante constituem uma retórica que julga os costumes do outro de forma a diminuí-lo ao associar sua imagem a tais costumes, assim separando-o de si a partir dessa diferença cultural. Essa separação entre a cultura espanhola e as diversas culturas andinas com base em práticas indígenas julgadas inaceitáveis e “pecadoras”, inclusive defendendo a conversão aos costumes europeus para acabar com estas, acaba por definir também a identidade espanhola a partir da oposição a elas.

É relevante mencionar que a própria Espanha ainda vinha construindo sua própria identidade histórica, tendo se consolidado como império muito recentemente com o avanço do cristianismo sobre a própria península ibérica. Isso refletia em aspectos dos relatos escritos nas américas, o que incluía o estabelecimento da imagem de um reino de valores sacros, cristãos, que estaria executando a missão da expansão da palavra de Deus, pois na época os monarcas ibéricos usavam “corpos santos, textos arcanos e lugares milagrosos para criar histórias nacionais que apoiavam a difusão de um império mundial católico que serviria como a fundação para o reino de cristo na terra” (Covey, 2020, p. 72, tradução nossa).

A partir disso, estabeleceu-se o objetivo geral da pesquisa: compreender como os relatos de Pedro Cieza de León na *Crónica del Perú* refletem a construção das alteridades indígenas e de uma identidade espanhola em formação. Este seria alcançado por meio de dois objetivos específicos: avaliar os relatos de Pedro Cieza de León sobre as culturas indígenas, sobretudo no que diz respeito aos costumes apresentados como negativos, e como isso reflete a busca pela construção da identidade espanhola como virtuosa; e compreender a visão de Cieza no que diz respeito à alteridade de diferentes grupos, linhas de pensamento e indivíduos, indígenas e europeus, e a separação destes aos olhos do cronista sob uma perspectiva de vícios e virtudes e de vocabulário associado a guerras e costumes.

METODOLOGIA:

A fonte primária desta pesquisa, a *Crónica del Perú*, é um texto que contém mais do que a soma de dados relatados, apresentando também “todo um repertório de opiniões próprias” (O’Gorman, 1985 apud. Fernandes, Kalil, 2012, p. 58), então foi entendido que deveria ser estudada “em sua totalidade, com análise de sua estrutura, finalidade e estilo”. Compreende-se também, conforme Michel de Certeau,

sepulturas de seus maridos falecidos (1984, p. 72), mas tais relatos seriam baseados “na rumorologia, não em testemunhos diretos” (Fisch, 2006, p. 57 apud. León Azcárate, 2015, p. 208, tradução nossa).

que relatos europeus do gênero compõem um “discurso sobre o outro” (Certeau, p. 213 apud. Fernandes; Reis, 2014, p. 727).

Considera-se ainda que, para apresentar o mundo que se conta a um mundo para o qual se conta, é comum que se utilize a lógica da inversão, lógica discursiva na qual “a alteridade é transcrita como a anti-semelhança” (Hartog, 1988, p. 213). Entende-se que o cronista traduz o que vê com base nas definições e concepções de sua própria realidade, e o que é entendido como “o outro” é interpretado e descrito a partir de semelhanças e diferenças com esta.

Assim, fez-se uma análise da obra como representativa da visão e das opiniões de Cieza de León, com atenção à adjetivação usada pelo autor para caracterizar a população andina — por exemplo, como “carniceiros” para se referir aos praticantes de antropofagia (Cieza de León, 1984, p. 51) — e os próprios espanhóis ao longo da crônica, atribuindo virtudes ou vícios, observando a diferenciação feita pelo cronista ao apontar qualidades em diferentes grupos (facções, povos ou grupos étnicos) e indivíduos dentro desses dois mundos, partindo do pressuposto de que ele não via todos espanhóis ou indígenas com uniformidade. Um exemplo disso se dá em sua primeira menção aos Pizarro, referidos como “tiranos rebeldes” (1984, p. 4). As adjetivações identificadas funcionaram como índices que nos permitiram entender a caracterização de grupos de acordo com o vocabulário de época, resgatando seus valores e crenças num jogo especular: por exemplo, ao mesmo tempo em que se caracteriza um indígena como carniceiro, Cieza condena o termo e o grupo assim retratado, revelando que essa não deveria ser conduta de espanhóis.

Foram então realizados fichamentos das três primeiras partes da *Crónica del Perú* — que tratam dos costumes locais, da história Inca e do “descobrimento” da região pelos espanhóis, respectivamente — e o Volume I da quarta parte: *La Guerra de las Salinas*. Compreendeu-se que as três primeiras partes haviam sido suficientes para atingir o primeiro objetivo específico, referente à busca por uma identidade espanhola refletida no julgamento de Cieza sobre os indígenas. O segundo objetivo demandava por indícios da visão de Cieza sobre diferentes facções entre os espanhóis, o que pôde ser atingido com o Volume I da quarta parte, pois este diz respeito sobre a escalada das tensões entre pizarristas e almagristas. Isto é, as facções dos irmãos Pizarro e do *adelantado* Diego de Almagro. Buscou-se utilizar a primeira edição publicada de cada documento. A primeira parte sendo única que o cronista viu publicada em vida, em 1553; a segunda, a edição de 1880, publicada por Marcos Jiménez de la Espada; a terceira, a edição de 1987, reunida por Francesca Cantú; e o Volume I da quarta parte foi lido na edição original de 1887, da *Colección de Documentos Inéditos para la Historia de España*.

Todos os fichamentos foram organizados em tabelas, nas quais as muitas citações retiradas do texto foram separadas por tema, povo ou personagem a que se referiam e página, para facilitar a análise. Além do uso de adjetivações, também foram fichados outros trechos relevantes para o cumprimento dos objetivos, como aqueles que mostravam a noção do cronista em relação à divisão do outro entre grupos e as diferenças e semelhanças entre eles, além de trechos nos quais Cieza relatava a realidade indígena a partir de noções advindas da realidade espanhola.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Observou-se que Cieza se refere aos andinos sempre como *o outro*, e toma o cuidado, capítulo a capítulo, de diferenciar cada comunidade andina das demais. Ele as separa não pelos nomes de suas etnias, mas sim pelo local em que habitam, de acordo com a divisão geográfica estabelecida pelos espanhóis, referindo-se a cada grupo por comarca, província, cidade. No entanto, ele tem consciência de que há outros nomes, outro tipo de separação e distinção, usado pelos naturais (nome que ele usa para o coletivo dos indígenas) da região. Não só nomeia algumas etnias ao longo de seus relatos, como em determinado momento cita duas delas em sequência e ainda lista grupos diversos que compõem cada etnia (p. 99), utilizando da nomenclatura das línguas locais (ainda que grafada incorretamente em alguns casos, de acordo com seu entendimento, como alguém que não falava aqueles idiomas e dialetos). Ele também reconhece que há diferenças significativas entre esses povos diversos: sempre que passa a relatar os traços culturais de um povo, os compara com aqueles das populações anteriormente descritas. Ao final da primeira parte da *Crónica*, enfatiza sua intenção de não generalizar os indígenas ali descritos, ou ao menos de não generalizar os diferentes povos (p. 276).

Quando o projeto de pesquisa foi escrito, o foco estava em costumes e ritos culturais indígenas julgados de forma particularmente negativamente por Cieza, como o casamento consanguíneo, a necropompa e a antropofagia, as quais são repetidamente demonizadas na *Crónica*. Embora esse aspecto tenha se mantido, outros elementos recorrentes citados recorrentemente passaram a ganhar igual atenção, pois percebeu-se ao longo da leitura que eles seriam relevantes para o cumprimento dos objetivos, especialmente por dizerem respeito sobre as noções de alteridade construídas no texto. Entre estes inclui-se o tamanho das sepulturas, a quantidade de riquezas nelas depositadas, a prática da sodomia e a crença na imortalidade da alma. O autor da *Crónica* atribui virtude a costumes e crenças com algum ponto semelhante aos do catolicismo, enquanto considera viciosos aqueles que os diferenciam. Os costumes católicos seriam, assim, as práticas “corretas”, que deveriam ser seguidas por espanhóis e também pelos indígenas convertidos pela catequese.

Já tratando dos espanhóis, esperava-se ver comentários desfavoráveis aos pizarristas em relação aos almagristas, a julgar pela linguagem usada para se referir a eles no início, mas isso não se confirmou. Cieza faz o possível para se manter imparcial ao narrar a *Guerra de las Salinas*. Às vezes o texto contém adjetivação sobre as atitudes de Almagro ou Pizarro, mas na grande maioria dos casos, ele o fala citando o que teria dito alguma fonte, o que refletiria a opinião da pessoa citada, não do cronista. Curiosamente, quando ele fala sobre indígenas no mesmo volume, volta a ser pontual em dirigir sua crítica a eles, como é o caso de Manco Inca, fundador da rebelião de Vilcabamba, que é chamado de “bárbaro” (Cieza de León, 1887, p. 449). No caso dos espanhóis, chega a apontar virtudes a Almagro e a Pizarro em alguns momentos, sempre enfatizando que são todos espanhóis, ainda que separados pelo mal da guerra, que acaba sendo a entidade a que Cieza direciona seus adjetivos mais negativos, e não às facções de espanhóis ou seus líderes, pois as guerras “atraem a si os sábios, aos humildes, aos pacíficos e toda linhagem de gente há de fazer o que elas mandam” (Cieza de León, 1887, p. 65).

Assim, Cieza constrói uma narrativa na qual os espanhóis são um único povo que, apesar de sua origem comum e de suas virtudes, deve ter cuidado para não ceder aos males e divisões da guerra. Até mesmo quando nomeia cada facção, começa enfatizando que “todos são espanhóis, sem nenhuma outra nação entre eles intervir” (Cieza de León, 1887, p. 16), pois a identidade espanhola prevalece mesmo em meio às diferenças e à guerra, o que é compatível com a busca espanhola por construir uma identidade para o reino agora unificado.

BIBLIOGRAFIA

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. **Guerra de las Salinas**. 1877.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. Parte primera de la Chronica del Peru: que tracta la demarcación de sus provincias, la descripcion dellas, las fundaciones de las nuevas ciudades, los ritos y costumbres de los Indios, y otras cosas estrañas dignas de ser sabidas. **Biblioteca Digital Hispánica**, 2022.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de; CANTÙ, Francesca. Crónica del Perú: tercera parte. 1987.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de; JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos. **Crónica del Perú: que trata del señorío de los incas yupanquis y de sus grandes hechos y gobernación**. Manuel Ginés Hernández, 1880.

COVEY, R. Alan. **Inca apocalypse: the Spanish conquest and the transformation of the Andean world**. Oxford University Press, 2020.

DIEZ CANSECO, María Rostworowski de. **History of the Inca realm**. Cambridge University Press, 1999.

FERNANDES, Luiz E. de O.; REIS, Anderson Roberti dos. 1492: partos do fecundo oceano: relatos históricos sobre o descobrimento da América em dois tempos (as Décadas de Anglería e de Herrera). **Varia Historia**, v. 30, p. 727-751, 2014.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; KALIL, Luis Guilherme Assis. A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental. KARNAL, Leandro [et al](org.). **Cronistas do Caribe**. Campinas: Unicamp, p. 47-70, 2012.

HARTOG, François. **The Mirror of Herodotus: the Representation of the Other in the Writing of History**. Univ of California Press, 1988.

LEÓN AZCÁRATE, Juan Luis de. El demonio y la visión del "otro" en la primera parte de la Crónica del Perú (1553) de Pedro Cieza de León. **Revista complutense de historia de América**, v. 41, p. 197, 2015.